

# Museu ao Céu Aberto: Estudo das Expressões Religiosas, Sociais e Culturais na Arte Tumular nos Cemitérios do RS

Thiago Nicolau de Araújo

## Considerações Iniciais

Pensar sobre o espaço destinado aos mortos é pensar sobre as manifestações culturais da sociedade que organiza e dá significado a esse espaço. Diferente do que o pensamento comum atribui ao cemitério, delegando elementos muitas vezes supersticiosos e sobrenaturais, estes – os cemitérios - são repletos de significados sociais, políticos, religiosos, culturais e étnicos.

Dessa forma faz-se necessário desenvolver uma hermenêutica acerca das produções e expressões contidas nos campos santos, buscando interpretar de maneira contextual os elementos simbólicos das culturas ali encontradas.

Desse modo percebemos a necessidade de evidenciar a importância do cemitério como fonte histórica dos aspectos da cultura regional, além de ressaltar sua importância como patrimônio histórico, pois lá se encontram obras de renomados artistas plásticos, textos e outros traços que contam a história das pessoas ali enterradas, bem como túmulos de personalidades de relevância para história do Rio Grande do Sul e brasileira.

O cemitério já faz parte do roteiro histórico de visitação em diversas regiões turísticas do mundo, como, por exemplo, o cemitério Père-Lachaise, em Paris, na França e o cemitério de La Recoleta, em Buenos Aires, na Argentina. Nesses, são identificados elementos que demonstram a história social e artística destas regiões, através da estatuária, das obras arquitetônicas, dos epitáfios e dos símbolos encontrados e analisados nos túmulos, valorizando e exaltando a preservação desse imenso patrimônio público, que ficaram conhecidos como “museus ao céu aberto”. Conforme Ariès (1987, p.435): *“o cemitério já possui um caráter cultural desde o século XVIII, devido às suas expressões artísticas.”*

Percebemos diferentes maneiras das sociedades expressarem o sentimento sobre a morte, mas sempre mantendo a idéia de conservar a memória do morto pela imagem, numa tentativa de manter viva sua identidade. Assim como há uma necessidade de manter viva a identidade do morto, também há a necessidade de se preservar a identidade cultural de uma sociedade num determinado período de tempo.

Os cemitérios são ótimos exemplos desta necessidade de manter “viva” a identidade cultural de um determinado grupo, que expressam esta idéia de diferentes maneiras, seja através de epitáfios, estatuária, fotografia ou símbolos. Esse tipo de evidência está associado ao modo de dominação simbólica, que conforme Baczkó, (1985, p. 332) qualquer coletividade produz um sistema simbólico que compreende os imaginários sociais, dessa forma sendo um instrumento de preservação da memória cultural.

A preservação da memória do morto fortalece a afirmação da identidade cultural, pois de acordo com Le Goff (1994, p. 476) “*a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje*”. Também afirma que em determinados casos, associa-se a memória do morto a aspectos da sociedade em que está inserido, em torno da memória comum.

Os cemitérios preservam a identidade no momento em que visualizamos que as diferenciações sociais são destacadas, pois os grandes monumentos são destinados aos elementos destacados dos grupos dominantes enquanto a classe média vai para as catacumbas modestamente decoradas, ou seja, em determinados períodos os cemitérios das nossas cidades refletem a estratificação social (Bellomo, 2000, p. 51).

Conforme Geertz,

*Os significados só podem ser "armazenados" através de símbolos: uma cruz, um crescente ou serpente de plumas. Tais símbolos religiosos, dramatizados em rituais e relatados em mitos, parecem presumir, de alguma maneira, pelo menos para aqueles que vibram com eles, tudo que se conhece sobre a forma como é o mundo, a qualidade de vida emocional que ele suporta, e a maneira como deve comportar quem está nele. Dessa forma, os símbolos sagrados relacionam uma ontologia e uma cosmologia. (2008, p. 94)*

O símbolo artístico também é símbolo de cultura. Diferente dos símbolos religiosos que expressam a fé do indivíduo, da família e também da comunidade ali sepultados, a arte tumular muitas vezes busca exaltar através, de um elemento específico o status social da família, o gosto artístico e também as origens étnicas dos membros familiares.

## **Cemitérios e Cristandade**

Os cemitérios, propriamente ditos só apareceram em plena Idade Média, quando se enterravam os mortos de maior status social dentro das Igrejas e os pobres nos adros, tudo nos limites paroquiais. Ariès afirma que a partir do século V da era cristã o defunto era abandonado à Igreja, que deveria se encarregar dele até o dia da ressurreição, pois: “*os sarcófagos de pedra muitas vezes comportavam, além dos nomes dos defuntos, seus retratos.*” (Ariès, 2003, p. 59) A partir deste momento, a arte funerária evoluiu no sentido de uma maior personalização.

A partir do século XVIII as placas de identificação, algumas com epitáfios, se tornavam cada vez mais comuns. Philippe Ariès relaciona esse fato ao aumento da classe média, representada pelo numeroso índice de artesãos, que se empenhavam por sair do anonimato, e inclusive se preocupando em conservar sua identidade após a morte. (Ariès, 2003, p. 62)

Só a partir do século XVII, é que se adotou o costume de enterrar os mortos fora dos muros da cidade em sepulcros familiares ou comuns, devido principalmente às primeiras idéias higienistas que surgiam. Toda a família rica ou remediada possuía seu túmulo e os monumentos se alinhavam, ordinariamente, ao longo das estradas, nos subúrbios da cidade. Eram ornados, interiormente, com motivos alegres, pois os mortos não poderiam se juntar aos antepassados, se tivessem pensamentos tristes (Vovelle, 1997, p. 351)

Os cemitérios com a feição atualmente conhecida, fora do recinto das igrejas, foi, no entanto, um produto de lenta maturação, que eclodiu no século XVIII e por dois motivos: a popularização dos temas de antiguidade greco-romana e a observância dos princípios de higiene.

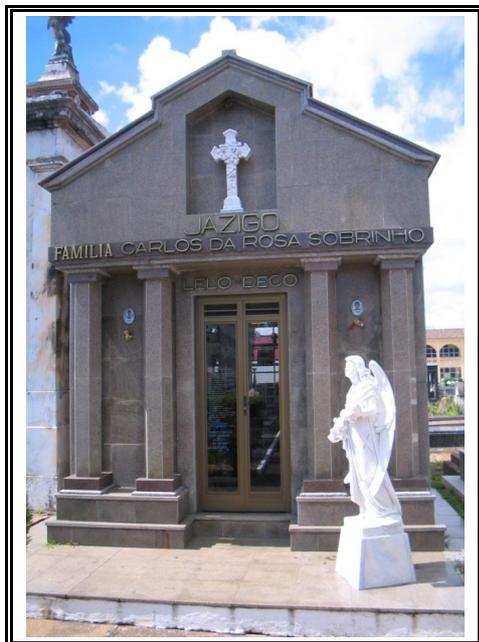
No Brasil, os cemitérios fora da Igreja surgiram no início do século XIX, quando os médicos, influenciados pelas idéias higienistas européias, começam a intervir nos setores da saúde pública. Conforme elucida a historiadora Amanda Pagoto, “*os corpos mortos eram considerados os principais causadores das várias epidemias que assolavam as cidades ao longo dos anos, portanto, era prioridade afastá-los do convívio dos vivos*” (Pagoto, 2004, p. 19).

Tudo isso concorreu para que se generalizasse a opinião de que as igrejas não eram o lugar apropriado para manter sepulturas. Essa nova concepção determinou a construção de cemitérios ao ar livre e o mais longe possível do perímetro urbano, em

todas as grandes cidades européias, nas décadas que precederam a Revolução Francesa e daí por diante.

O Cemitério Père-Lachaise, em Paris, “assistiu em 1815 à edificação da primeira capela familiar, conforme Vovelle nos elucida (1997, p.354), construção que procurava compensar a proibição de se enterrar os parentes próximos num mesmo canto da Igreja, como vemos tão freqüentemente nos cemitérios da capital bem como no interior e litoral do Rio Grande do Sul.

Daí a popularização dos túmulos em forma de capela, tão freqüentes em todos os cemitérios, até mesmo em nossos dias. E, em decorrência, também, da inovação, houve, como na antiguidade, a *sacralização* do morto, que passou a possuir uma aura divina, contrariando os princípios esposados, sobretudo na Idade Média, que o considerava, apenas, um repositório esvaziado de seu conteúdo essencial: a alma. A sepultura do defunto começou, então, a ser visitada, para oração e evocação do morto junto a Deus e aos Santos. A própria confecção dos túmulos reflete a nova mentalidade, pois, se até a Renascença apenas os nobres e as altas figuras eclesiásticas mereciam túmulos personalizados e com estátuas decorativas, a partir do século XIX a produção em escala industrial popularizou tal uso.



Capela Neoclássica Estilizada, com símbolo da cruz cristã e anjo da saudade. Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, Porto Alegre. RS. Foto do Autor.

Atualmente também são chamados de cemitérios os conjuntos tumulares verticais, nos quais o morto é depositado numa gaveta, de inspiração nas catacumbas cristãs, as quais possuem um caráter prático devido à falta de espaço nas grandes cidades, bem como a uma procura pela higienização dos locais de enterramentos.

Na atualidade em todas as grandes cidades, os cemitérios ostentam túmulos que são verdadeiras obras de arte, assinadas por escultores de renome, como podemos observar através de pesquisas de campo realizadas nas principais capitais do Brasil, como em São Paulo, SP e Rio de Janeiro, RJ.

### **Túmulos com expressões simbólicas cristãs e alegóricas**

Para entender as manifestações religiosas, devemos levar em conta que o mundo católico possui uma ideologia religiosa que revela a crença em duas áreas distintas: o mundo do sagrado, onde Deus está presente, com muita religiosidade, e o mundo do profano, onde as idéias religiosas não são tão importantes para uma postura de vida. Isso leva a sociedade a ter duas posturas éticas: a religiosa e a social (Bellomo, 1988, p. 26).

Geertz afirma que

*Essa demonstração de uma relação significativa entre os valores que o povo conserva e a ordem geral da existência dentro da qual ele se encontra é um elemento essencial em todas as religiões, como quer que esses valores ou essa ordem sejam concebidas. O que quer que a religião possa ser além disso, ela é, em parte, uma tentativa (de uma espécie implícita e diretamente sentida, em vez de explícita e conscientemente pensada) de conservar a provisão de significados gerais em termos dos quais cada indivíduo interpreta sua experiência e organiza sua conduta. (2008, p. 95)*

Desse modo, para o cristão, a fé na vida eterna representa um elo entre o mundo dos vivos (profano) e o mundo dos mortos (sagrado). Daí surge à necessidade de conservar a memória do morto, criando uma relação permanente entre o mundo profano e o mundo sagrado.

Devemos, portanto, analisar as obras funerárias como uma forma de discurso, pois quando uma família escolhe uma estátua de Cristo, de algum santo e insere outros elementos da fé cristã, está reafirmando sua crença religiosa ou da comunidade em que vive. Dessa forma, o túmulo é uma representação de uma identidade cultural individual. Se um mesmo elemento escultórico aparece repetidas vezes em um curto espaço de tempo, percebemos a representação de identidade cultural coletiva.

Assim, é na diversidade de adereços que compõe a arte funerária que se torna possível identificar as concepções religiosas presentes em um campo santo. Conforme Bellomo, “as inscrições, símbolos, estátuas, pinturas nos mostram a religiosidade local e a

*relação religião/morte. Anjos, Cristos, crucifixos e estátuas de santos nos revelam a visão cristã e as devoções mais comuns da região”. (1996, p. 3)*

Neste sentido analisaremos a simbologia cristã no cemitério, pois ela se estabelece como um elemento que estabelece as relações sociais e as transmissões culturais, desse modo definindo identidades culturais:

*Toda cultura é uma produção de símbolos, através dos quais os homens se expressam, se comunicam e trocam a riqueza interior. Se não conseguimos conhecer sequer o homem em sua intimidade, a não ser por meio de seus gestos e de suas palavras, muito maior ainda é a necessidade dos símbolos. A religião – como toda a cultura – não pode existir sem símbolos. (Zilles, 1996, p.11)*

O símbolo cristão mais encontrado evidentemente é a cruz, presente nas capelas, nas lápides, esculpidas em metal ou pedra, sobre templos e até mesmo sobre obeliscos. Nela está contida a fé e a crença em um dos princípios mais caros para os cristãos: a idéia da morte e da ressurreição (Dalmáz, 2000, p. 125)



Templo de influência Neoclássica com a cruz no topo. Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, Porto Alegre, RS. Foto do Autor.



Cruz com cabeça de Cristo crucificado (coroa de espinhos) acima da ampulheta voadora que representa a passagem do tempo terrestre (Lexikon, 1997, p. 18). Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, Porto Alegre, RS. Foto do Autor.

Outro símbolo comum no cemitério da Santa Casa são as plantas. Para o cristianismo as plantas possuem diferentes significados, como a salvação e a saudade (coroa de flores), a rosa (Virgem Maria), mas todos possuem em comum o sentimento do sagrado, pois são símbolos religiosos.



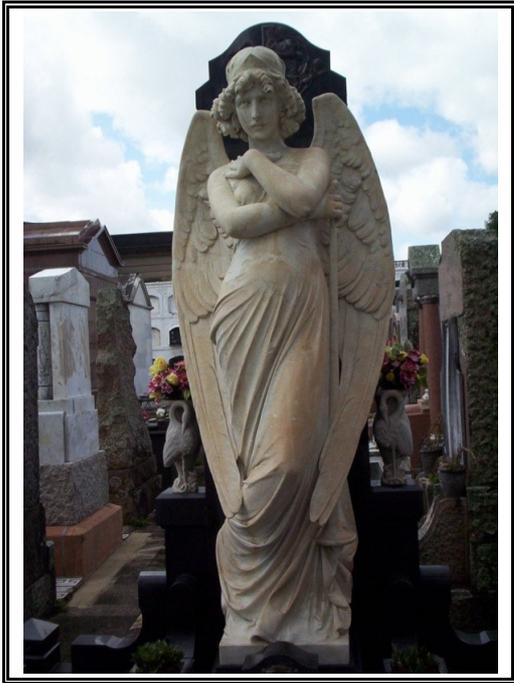
Ramalhete de Papoula. Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, Porto Alegre, RS. Foto do Autor.

As plantas são muitas vezes representadas individualmente, ou como parte de um conjunto simbólico, através de alegorias, que representam idéias abstratas. As alegorias são figuras humanas, geralmente femininas, acompanhadas de símbolos que dão significado à alegoria, muitas vezes representando um sentimento relacionado ao morto.

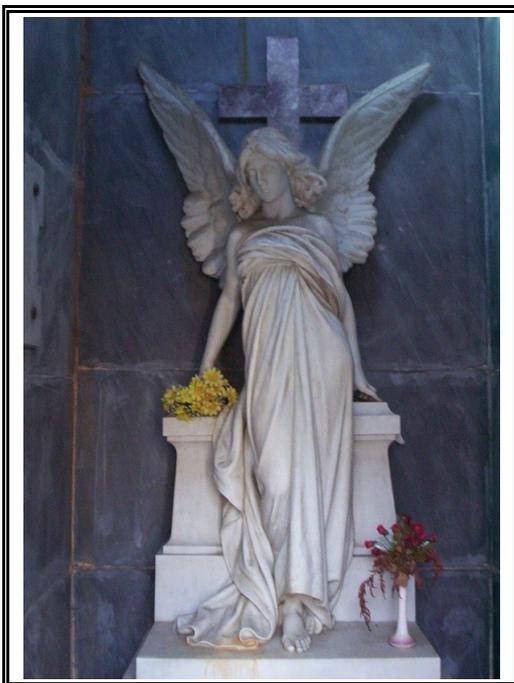
Entendemos que as alegorias, de acordo com Walter Benjamin (1984, p. 18) são uma forma de expressão de um conceito e de uma idéia personificada, indicando sentimentos, como a dor, a desolação, bem como de elementos que expressem as realidades políticas e econômicas, como a república e a indústria. Não encontramos nos cemitérios pesquisados nenhuma alegoria relacionada à economia.

As alegorias funerárias, conforme Bellomo (2000, p. 38), são representadas de acordo com as concepções do classicismo, sendo em geral figuras femininas, e podem ser classificadas em dois tipos: As alegorias sentimentais e as alegorias cristãs. As primeiras indicam um significado emocional, traduzindo os sentimentos. As segundas expressam um sentimento religioso, geralmente indicando as Virtudes Teológicas (Fé, Esperança, Caridade), a Justiça (Virtude Cardeal) e a eternidade, a oração, a morte e o Juízo Final. As alegorias que estão acompanhadas de símbolos cristãos exemplificam a fé da família ou da comunidade que as erigiu.

Estas expressões funerárias apresentam as influências do romantismo, pois observamos que dentro do período de tempo analisado na pesquisa (1889 – 1930) as estátuas sofrem mudanças que estão relacionadas às características sentimentais do período romântico, no qual surgiu a idéia do sublime e do erotismo. As alegorias surgem inicialmente na personificação de figuras angelicais, como a alegoria do Juízo Final, que segura a trombeta que, de acordo com a crença cristã, irá acordar os mortos no dia do juízo final, e a alegoria da esperança, simbolizada pela estrela.

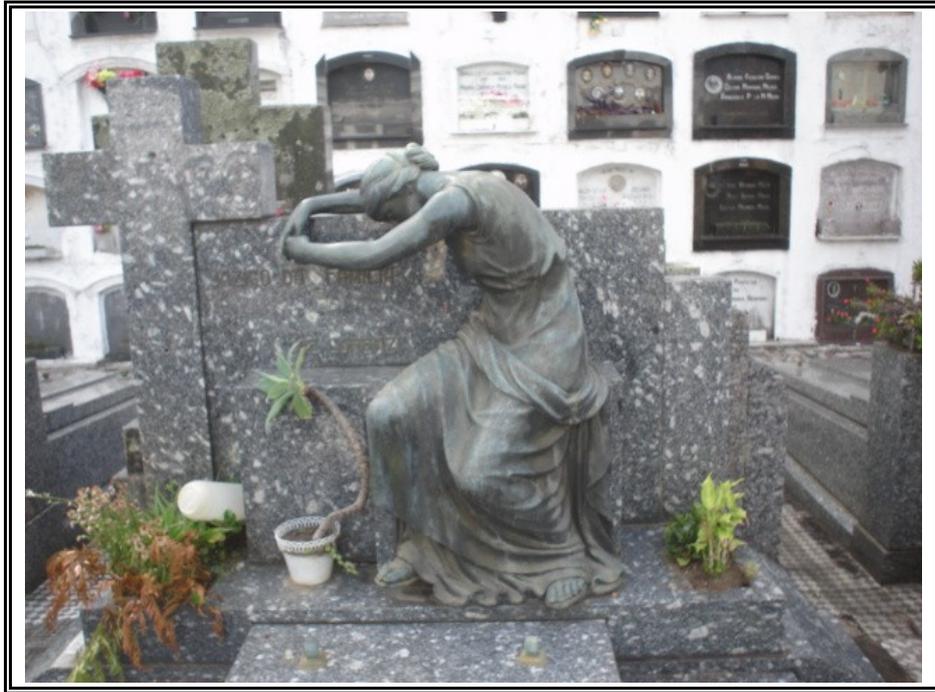


Alegoria cristã do Juízo Final. Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, Porto Alegre, RS. Foto do Autor.

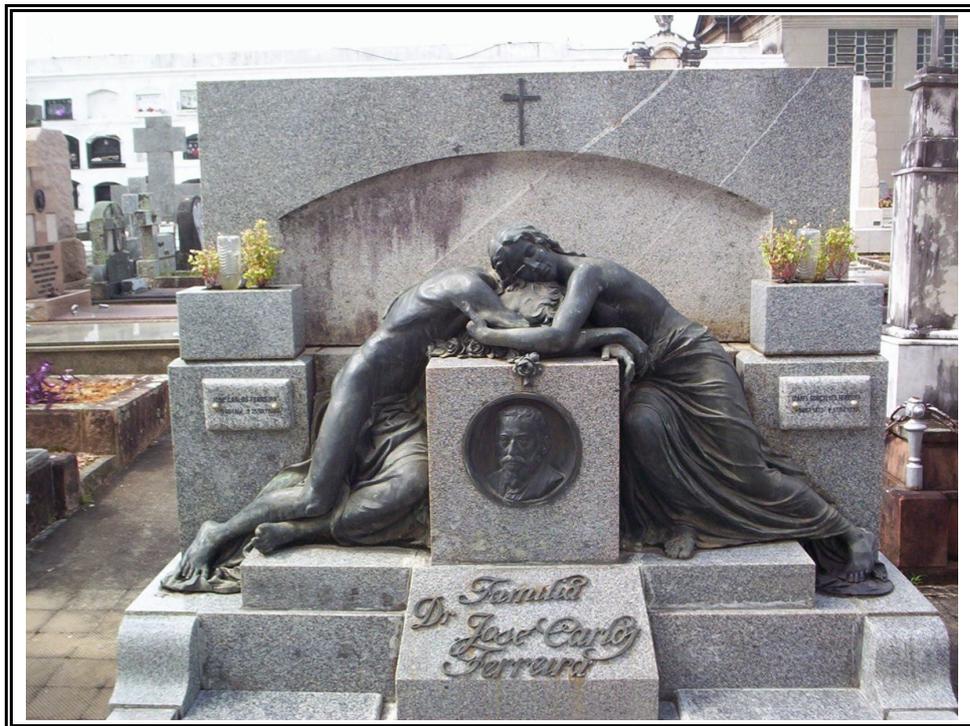


Alegoria cristã da Esperança. Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, Porto Alegre, RS. Foto do Autor.

Com o passar do tempo, as alegorias perdem as características angelicais e se tornam figuras femininas cada vez mais desnudas, expressando apenas sentimentos.



Alegoria da Desolação. Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, Porto Alegre, RS. Foto do Autor.



Alegoria do Desespero (Masculina) e Alegoria da Consolação (Feminina). Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, Porto Alegre, RS. Foto do Autor.

Para finalizar, ressaltamos também que o sentido da alegoria transcende o simples significado de seus elementos e ao estudarmos as obras funerárias e seu contexto, constatamos que a afirmação da fé é uma constante nos túmulos analisados no espaço temporal delimitado pelo projeto. Essa fé pode ser representada através de suntuosos monumentos devido ao grande crescimento econômico que o Estado do Rio Grande do Sul passava no período. Neste sentido, o cemitério passa a ser indicativo do processo econômico, e desse modo, dos padrões de vida de determinadas classes sociais.

Os cemitérios preservam as identidades culturais de uma região através das expressões simbólicas contidas nos túmulos, que evidenciam aspectos da sociedade em que estão inseridos, como as manifestações da fé (estatuária cristã, crucifixos), através das influências artísticas (elementos do neoclássico e do romantismo).

Os diferentes simbolismos encontrados nos túmulos reforçam a idéia de afirmação de identidades, pois indicam a necessidade de pertencimento social, já que as expressões funerárias nos revelam aspectos culturais nos quais a sociedade estava inserida, através da representação de elementos ligados a fé e ao gosto artístico.

As crenças religiosas são fatores determinantes para as representações de fé das comunidades estudadas. Revelam claramente o sentimento religioso de determinadas classes sociais em seus respectivos contextos históricos.

Quando as coisas perdem seu caráter simbólico, a realidade torna-se trivial e o fastio apodera-se dos espíritos. A incapacidade do homem para compreensão simbólica pode estar vinculada ao envelhecimento de muitos símbolos tradicionais, pois os símbolos estão ligados à vida da cultura.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARAÚJO, Thiago Nicolau de. Túmulos Celebrativos de Porto Alegre: múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial (1889 – 1930). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

ARIES, Philippe. História da Morte no Ocidente. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BACZKO, Bronislaw. Imigração Social. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985 (vol.5: Antropos-homem, p. 296-332)

BAYARD, Jean-Pierre. Sentido Oculto dos Ritos Funerários: morrer é morrer? São Paulo: Paulus, 1996.

BELLOMO, Harry R. A Estatuária Funerária em Porto Alegre (1900 -1950). 1988. 204f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1988.

\_\_\_\_\_. (org.) Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000.

\_\_\_\_\_. O Cemitério como fonte Histórica. In: Anais do III Encontro de Pesquisadores do Departamento de História. IFCH – PUCRS. Porto Alegre: (s.e.), 1996.

BENJAMIN, Walter. Origem do drama barroco alemão. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DALMÁZ, Mateus. Símbolos e seus Significados na Arte Funerária Cristã do Rio Grande do Sul. In: BELLOMO, Harry R.(org.) Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

LEXICON, Herder. Dicionário de Símbolos. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

MENEGHEL, Stela N. ABBEG, Claídes. BASTOS, Ronaldo. "Os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos": um estudo exploratório sobre desigualdades no morrer. História, ciência e saúde - Manguinhos. V.10, n.2. Rio de Janeiro. maio/ago.2003

PAGOTO, Amanda Aparecida. Do Âmbito Sagrado da Igreja ao Cemitério Público: transformações fúnebres em São Paulo (1850 – 1860). São Paulo: Arquivo do Estado/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

VOVELLE, Michel. Imagens e Imaginário na História: fantasmas e incertezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX. São Paulo: Ática, 1997.

ZILLES, Urbano. A Significação dos Símbolos Cristãos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.